

Infertilidade e inseminação artificial no século XVI

Isilda Teixeira Rodrigues

Andreia Marlise Carneiro-Carvalho

Resumo

*A temática da reprodução suscitou, desde sempre, muito interesse por parte de diversos estudiosos. Desde a Antiguidade, com Aristóteles (384 – 322 a.C.) e Hipócrates (460 – 377 a.C.), entre outros, passando pela Idade Média, diversos autores defenderam a teoria das duas sementes, na qual o feto era o resultado da mistura de duas sementes, uma masculina e outra feminina. No Renascimento surgiram importantes descobertas para as quais foi inegável o contributo do médico judeu português Amato Lusitano. Neste estudo pretendemos apresentar alguns casos de esterilidade e disfunção sexual e as sugestões de tratamentos, dando especial atenção à técnica inovadora de inseminação artificial. Recorremos à análise de conteúdo da obra de Amato Lusitano, *As Centúrias* para a recolha de dados. Verificámos que Amato descreveu, na sua obra *As Centúrias*, alguns casos de esterilidade, disfunção sexual e inseminação artificial, o que terá contribuído para o desenvolvimento do conhecimento sobre estas temáticas, no séc. XVI.*

Palavras-chave: Amato Lusitano, *Centúrias*, difusão sexual, inseminação artificial, reprodução.

Abstract

*The theme of reproduction has always attracted a lot of interest from various scholars. From Antiquity to Aristotle (384 - 322 BC) and Hippocrates (460 - 377 BC), among others, going through the Middle Ages, several authors defended the theory of two seeds, in which the fetus was the result of mixing two seeds, one male and one female. In the Renaissance important discoveries emerged for which the contribution of the Portuguese Jewish doctor Amato Lusitano was undeniable. In this study we intend to present some cases of sterility and sexual dysfunction and the suggestions of treatments, paying special attention to the innovative technique of artificial insemination. We used the content analysis of the work of Amato Lusitano, *The Centuries* for data collection. We found that Amato described, in his book *The Centuries*, some cases of sterility, sexual dysfunction and artificial insemination, which contributed to the development of knowledge about this subject in the 16th century.*

Keywords: Amato Lusitano, artificial insemination, centuries, reproduction, sexual diffusion.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história diversos cientistas fundaram teorias para explicar a reprodução humana desde diferentes pontos de vista contribuindo para a evolução científica nesta temática.

Neste texto destacamos o contributo do médico português do Renascimento, Amato Lusitano, para a história da reprodução, mais concretamente para o aumento do conhecimento sobre a problemática da difusão sexual, esterilidade e inseminação artificial.

João Rodrigues de Castelo Branco (1511-1568), que assinou as suas obras com o nome de Amato Lusitano, foi uma das referências da Medicina europeia do seu tempo. Os seus serviços foram requisitados por personagens tão diversos e distintos como o Papa, o Rei da Polónia, a cidade-estado de Ragusa, ou o Grão-Turco do Império Otomano. Foi merecedor de retrato no frontispício de livros de colegas. As *Sete Centúrias de curas medicinais* foram publicadas pelo menos 57 vezes. A obra apareceu, em Portugal, numa

tradução para português feita por Firmino Crespo, apenas em 1980, numa publicação, em 4 volumes, da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa. Cada Centúria comporta 100 casos clínicos. Cada caso apresenta, numa primeira parte, a história clínica do doente e numa segunda parte, os Comentários, que representam o historial da evolução clínica, a partir do momento em que começa o tratamento, acompanhado de comentários em que se invocam as autoridades médicas Clássicas e modernas, o efeito dos medicamentos, as modificações nos tratamentos, bem como a comparação, ou crítica, de casos semelhantes descritos por outros¹.

De seguida faremos uma breve descrição da história da evolução da reprodução, da disfunção sexual e da inseminação artificial. Posteriormente apresentaremos alguns casos clínicos relacionados com estas problemáticas e teceremos algumas considerações.

BREVE HISTÓRIA DA REPRODUÇÃO

Ao longo do tempo surgiram diversas teorias sobre a forma de reprodução dos seres vivos, alguns estudiosos defendiam a epigénese e o pré-formismo ou pré-existência. O pré-formismo referia que a estrutura do organismo vivo e todas as suas partes já existiam nos “germes”, sendo estes que lhes dão origem, enquanto que a teoria da epigénese se apoiava na ideia de que os organismos são formados gradualmente após a fecundação. Na Antiguidade, a crença na geração espontânea abrangia desde a formação de vermes e insetos até animais maiores (peixes e salamandras, por exemplo)².

O estudo da reprodução teve início em 350 a. C. com a obra de Aristóteles intitulada *A Geração dos Animais*. Na opinião de Aristóteles (384-322 a.C.), o homem é que inicia o processo de geração através do seu sémen enquanto que argumentava que a mulher através dos mênstruos contribuía somente com a matéria utilizada para o desenvolvimento³. De acordo com Aristóteles não havia mistura do líquido do macho com o da fêmea. Já Hipócrates (460-377 a.C.), o pai da medicina, considerava que o feto era o resultado da mistura de duas sementes, uma masculina e outra feminina, sendo que ambos os progenitores produzem dois tipos de semente, uma que é mais forte e eficaz e outra mais fraca⁴. Ele explicava que se ambos fornecerem uma semente forte, conseguiriam produzir um macho, e se ao contrário, eles derem ambos apenas a sua semente fraca, resulta disso, apenas uma fêmea⁵.

¹ Rodrigues, Isilda. *Amato Lusitano e as suas perturbações sexuais: algumas contribuições para uma nova perspetiva de análise das centúrias de Curas medicinais*. Tese de Doutoramento, Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, 2005.

² Carvalho, E. C. & Prestes, M. E. B. Lazzaro Spallanzani e a geração espontânea: os experimentos e a controvérsia. *Revista da Biologia* 9 (2012): 1-6.

³ Slongo, I. I. P. & Delizoicov, D. Reprodução humana: abordagem histórica na formação dos professores de Biologia. *Contrapontos* 3 (2003): 435-447.

⁴ Rodrigues, I. et al., Breve história da Reprodução Animal. *Agrotec* 21 (2017): 22-27.

⁵ Piveteau, Jean. *Oeuvres philosophiques de Buffon*. Paris: Presses Universitaires de France, 1954.

No Renascimento surgiram novas teorias sobre a reprodução, tendo tido o microscópio um papel relevante para o desenvolvimento científico.

Leonardo da Vinci (1452-1519) efetuou o estudo aprofundado dos órgãos envolvidos na reprodução através da realização de inúmeras dissecações no corpo humano e em outros animais. Neste contexto, também o médico português Amato Lusitano contribuiu para a história da reprodução, ao realizar a descrição dos órgãos genitais masculinos e femininos, apresentando e explicando como ocorre o desenvolvimento embrionário, na sua obra *Curationum Medicinalium centuriae septem*, mais conhecida por *Centúrias*⁶. Mais tarde William Harvey (1578-1657), um médico inglês chegou à conclusão de que todos os animais se formam a partir de uma estrutura primária a qual designou por “ovo”, explicando que a partir deste se forma um novo ser⁷.

Em 1678, com a invenção do microscópio, Anton van Leeuwenhoek (1632-1732) descobriu que o fluido seminal continha pequenas células vivas com mobilidade as quais designou por “animálculos”, atualmente designados por espermatozoides^{8,9}. Sobre esta descoberta surgiram diversas teorias sendo que a mais aceita na época era que estes continham um indivíduo formado em miniatura¹⁰. A partir desta descoberta, surgiu a teoria dos “animalculistas”, que defendia que no interior do espermatozoide se encontrava o ser humano em miniatura, esta teoria contrapôs-se à teoria dos “ovistas”. Decorreram desta descoberta muitos debates acerca da função dos espermatozoides, no entanto, ainda estavam muito longe de relacionar os espermatozoides como agentes da concepção¹¹.

Por esta altura, um anatomista italiano, chamado Gabrielle Falópio (1523-1562), na sua obra *Observationes anatomicae*, publicada em 1561, em Veneza, descreveu as trompas que passaram a ser designados com o seu nome. Um pouco mais tarde, os estudos de Malpighi (1628-1694), um outro médico, anatomista e biólogo italiano realizou estudos em ovos de galinha, explicando que no seu interior existia já um embrião pré-formado a partir da cópula, com todas as partes do novo ser. No entanto, de acordo com Graaf (1641-1673), médico e fisiologista holandês, os ovos estavam contidos no interior dos testículos que passou a designar por ovários, referindo que estes só saiam deste órgão reprodutor após a fecundação,

⁶ Rodrigues, Isilda. *Amato Lusitano e as suas perturbações sexuais: algumas contribuições para uma nova perspetiva de análise das centúrias de Curas medicinais*. Tese de Doutoramento, Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, 2005.

⁷ Slongo, I. I. P., & Delizoicov, D. Reprodução humana: abordagem histórica na formação dos professores de Biologia. *Contrapontos* 3: 435-447, 2003

⁸ Piveteau, Jean. *Oeuvres philosophiques de Buffon*. Paris: Presses Universitaires de France, 1954.

⁹ Slongo, I. I. P., & Delizoicov, D. Reprodução humana: abordagem histórica na formação dos professores de Biologia. *Contrapontos* 3 (2003): 435-447.

¹⁰ Carvalho, E. C., & Prestes, M. E. B. Lazzaro Spallanzani e a geração espontânea: os experimentos e a controvérsia. *Revista da Biologia* 9 (2012): 1-6.

¹¹ Slongo, I. I. P., & Delizoicov, D. Reprodução humana: abordagem histórica na formação dos professores de Biologia. *Contrapontos* 3 (2003): 435-447.

concluindo que este processo ocorria apenas no ovário. Ele ainda salientou que esta forma de geração era evidenciada na mulher^{12,13}. Em 1672, descreveu os verdadeiros folículos ovários (que ainda hoje têm o seu nome) na mulher e em diversos mamíferos. Graaf estabeleceu pela primeira vez uma relação entre as transformações dos ovários e os primeiros estádios do desenvolvimento uterino do embrião¹⁴. Por outro lado, descobertas como a da partenogênese por Charles Bonnet (1720-1793), dos folículos ovários (folículos de Graaf) por Régnier de Graaf (1641-1673) e a descrição do desenvolvimento embrionário no ovo de galinha por Albrecht von Haller (1708-1777), apoiaram fortemente o ovismo. Segundo essa ideia, o “germe” que concebe um novo organismo estaria no “ovo” (óvulo) das fêmeas¹⁵.

No final do século XVII, a compreensão é de que todas as fêmeas possuem ovos. A relação entre a molécula de DNA e a hereditariedade foi definida no século XX pelos trabalhos de três pesquisadores, canadenses e americanos, Oswald Avery (1877-1955), Colin Macleod (1909-1972) e Maclyn MacCarty (1911-2005), os quais identificaram em 1944 o “princípio transformador” de Griffith. Estes cientistas descobriram que o ADN é o transmissor da informação genética dos organismos, esclarecendo a natureza química do material genético¹⁶. Mais tarde, em 1953, o biólogo James Watson (1928-) e o físico e bioquímico Francis Crick (1916-2004), num artigo publicado na revista *Nature* propuseram à comunidade científica o modelo da dupla hélice da molécula de ADN¹⁷. Novos e importantes impulsos foram dados no domínio da reprodução com os trabalhos dos fisiologistas ingleses Bayliss (1860-1924) e Starling (1866-1927), ao defenderem, em 1902, a teoria hormonal. Heape também teve um papel relevante para a Ciência ao realçar em 1905 o papel da hipófise na reprodução do ser humano¹⁸.

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DA DISFUNÇÃO SEXUAL, INFERTILIDADE E INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

As primeiras investigações sobre a temática da disfunção sexual surgiram nas civilizações da Antiguidade Clássica. Os gregos e os romanos tinham uma grande liberdade sexual, pelo que os homens que apresentavam este problema eram muitas vezes humilhados. Na Idade Média, o sexo era visto como algo pecaminoso, sendo o papel do homem restringido à procriação e ao autodomínio. No entanto, quando

¹² Piveteau, Jean. *Oeuvres philosophiques de Buffon*. Paris: Presses Universitaires de France, 1954.

¹³ Slongo, I. I. P., & Delizoicov, D. Reprodução humana: abordagem histórica na formação dos professores de Biologia. *Contrapontos* 3 (2003): 435-447.

¹⁴ Théodoridès, Jean. *História da Biologia*. 5. Ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.

¹⁵ Carvalho, E. C., & Prestes, M. E. B. Lazzaro Spallanzani e a geração espontânea: os experimentos e a controvérsia. *Revista da Biologia* 9 (2012):1-6.

¹⁶ Batisteti, C. B., Araújo, E. S. N., & Caluzi, J. J. As interpretações dos estudos de Avery, MacLeod e McCarty, sobre a natureza química do “fator transformante” em bactérias. *Filosofia e História da Biologia* 3 (2008): 71-94.

¹⁷ Andrade, M. A. B. S., & Caldeira, A. M. A. O modelo de DNA e a Biologia Molecular: inserção histórica para o Ensino de Biologia. *Filosofia e História da Biologia* 4 (2009): 139-165.

¹⁸ Rodrigues, I. et al., Breve história da Reprodução Animal. *Agrotec* 21 (2017): 22-27.

ocorriam casos de impotência, a culpa era frequentemente remetida às forças demoníacas e às bruxas, as quais eram acusadas de prepararem feitiços que impediam a prática normal do sexo¹⁹.

Em todo mundo em inúmeras civilizações antigas foram criados remédios para auxiliar os homens que apresentavam incapacidade sexual, sendo recomendada frequentemente a ingestão de tecidos testiculares. No antigo Egípcio eram gravadas em papiros receitas com diversas raízes que auxiliavam os homens a curar a impotência sexual²⁰. Ao longo do tempo diversas substâncias eram utilizadas devido ao seu poder afrodisíaco, nomeadamente, o giseng e o pó de corno de rinoceronte.

Ao longo da história diversos casos de disfunção erétil foram documentados, nomeadamente, o caso do rei Luís XVI e de Napoleão Bonaparte²¹.

Em relação à inseminação artificial, os seus prenúncios remontam ao Séc. XIV, na Arábia Medieval, associados à criação de uma raça de cavalos mais forte e resistente²². Esta técnica de reprodução esteve, ao longo da história, particularmente associada ao sucesso reprodutivo de espécies produtoras de alimento.

A técnica de inseminação artificial adquiriu maior relevância no início do século XX, no entanto, a primeira inseminação artificial registada pela comunidade científica foi a do italiano Lázaro Spallanzani (1729-1799) em 1779, este cientista aplicou esta técnica em cães e rãs²³. Este estudioso demonstrou pela primeira vez, ser possível a fecundação de uma fêmea sem o contato com o macho. Para isso, ele colheu sêmen de um cão por excitação mecânica e aplicou em uma cadela no cio, a qual veio a parir três filhotes, 62 dias mais tarde^{24,25}.

A primeira tentativa de inseminação artificial em seres humanos foi efetuada no final do século XVIII, mais concretamente em 1785, pelo cirurgião escocês John Hunter, que realizou este processo numa mulher utilizando o sêmen do marido que apresentava uma deformidade na uretra impedindo a procriação. No entanto, esta prática só se tornou do conhecimento comum no século XX devido à forte oposição da Igreja contra este desenvolvimento científico. O mesmo, provavelmente, terá ocorrido, no Séc. XV, com a

¹⁹Sousa, R. G. "História da Impotência", <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/historia-da-impotencia.htm> (acessado em 20 de maio de 2019).

²⁰ Santos, A. M. & Mendes, J. R. Disfunção Erétil Disfunção Erétil - Compreender e Tratar. Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica e Sociedade Portuguesa de. Andrologia, 2013.

²¹ Santos, A. M. & Mendes, J. R. Disfunção Erétil Disfunção Erétil - Compreender e Tratar. Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica e Sociedade Portuguesa de. Andrologia, 2013.

²² Silva, A. R. M. et al.. As primeiras experiências de inseminação artificial foram no século XIV, <http://domtotal.com/direito/pagina/detalhe/29661/asprimeiras-experiencias-de-inseminacao-artificial-foram-no-seculo-xiv> (acessado em 15 de maio de 2019).

²³ Rodrigues, I. et al., Breve história da Reprodução Animal. *Agrotec* 21 (2017): 22–27.

²⁴ Carvalho, E. C. & Prestes, M. E. B. Lazzaro Spallanzani e a geração espontânea: os experimentos e a controvérsia. *Revista da Biologia* 9 (2012):1 –6.

²⁵ Pereira, M. R. (2014). História da Ciência no ensino médio: experimentos de Lazzaro Spallanzani sobre reprodução animal. Tese de doutoramento, São Paulo, Brasil.

infanta Joana de Avis (1439 -1475)²⁶. De acordo com a documentação existente, a infanta de Portugal e rainha de Castela terá sido a primeira mulher submetida ao processo de inseminação artificial, em 1461. Ao que consta o físico judeu Yusef bem Yahia realizou a inseminação na Rainha com o intuito de obter descendência do seu marido Enrique IV de Castela, o qual sofria de disfunção sexual. Como podemos imaginar na época a divulgação deste assunto seria proibida²⁷.

No século XVIII foram efetuados diversos estudos nesta área. Em 1767, o alemão Ludwig Jacobi (1711-1784) efetuou estudos de reprodução em peixes. Mais tarde, no século XIX, Eli Ivanov (1870-1932), um biólogo russo, realizou diversas experiências e estudos sobre esta técnica de reprodução em mamíferos, nomeadamente em éguas, vacas e ovelhas²⁸. Em 1949, a investigação foi reforçada, com os estudos dos cientistas ingleses Polge, Smith e Parquer. Estes investigadores descobriram que era possível preservar espermatozóides congelados durante anos usando azoto líquido. Até então, estes só podiam ser conservados por poucos dias, a uma temperatura de 5 °C. Esta descoberta promoveu uma maior difusão da inseminação artificial, permitindo a sua aplicação em diferentes espécies. Este avanço científico foi determinante para a difusão desta técnica de reprodução²⁹.

Merece ainda referência o trabalho realizado por Jaime Marion Sims (1813-1883), no ano de 1866. Este investigador obteve sucesso na introdução do líquido seminal no canal cervical de uma mulher. Durante a II Guerra Mundial milhares de crianças norte-americanas foram concebidas com o sêmen de soldados que lutavam no Pacífico, tendo o mesmo ocorrido com soldados ingleses durante a Guerra da Coreia³⁰. De lá para cá, inúmeras descobertas têm sido feitas, até que, em 1978, há 30 anos atrás, nascia o primeiro bebê de fertilização *in vitro*³¹.

METODOLOGIA

No presente trabalho utilizamos uma metodologia qualitativa com recurso à análise documental para recolha de dados.

²⁶ Cavalcante, M. (2018). Como são feitas a inseminação artificial e a fertilização *in vitro*?, <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-sao-feitas-a-inseminacao-artificial-e-a-fertilizacao-in-vitro/> (acessado em 15 de maio de 2019).

²⁷ Silva, A. R. M. et al., *As primeiras experiências de inseminação artificial foram no século XIV*, <http://domtotal.com/direito/pagina/detalhe/29661/asprimeiras-experiencias-de-inseminacao-artificial-foram-no-seculo-xiv> (acessado em 10 de maio de 2019).

²⁸ Rodrigues, I. et al., Breve história da Reprodução Animal. *Agrotec* 21 (2017): 22–27.

²⁹ Junior, K. C. P., & Trigo, Y. Inseminação artificial em tempo fixo. *Maringá* 9 (2015): 45–51.

³⁰ Silva, A. R. M. et al., *As primeiras experiências de inseminação artificial foram no século XIV*. <http://domtotal.com/direito/pagina/detalhe/29661/asprimeiras-experiencias-de-inseminacao-artificial-foram-no-seculo-xiv> (acessado em 10 de maio de 2019).

³¹ Songo, I. I. P., & Delizoicov, D. Reprodução humana: abordagem histórica na formação dos professores de Biologia. *Contrapontos* 3 (2003): 435–447.

A base deste estudo foi a obra *Centúrias de Curas Mediciniais*, de Amato Lusitano, com a tradução para português de Firmino Crespo e publicada pela Universidade Nova de Lisboa, em 1980.

CASOS DE DISFUNÇÃO SEXUAL, INFERTILIDADE E A INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL, NAS CENTÚRIAS, DE AMATO LUSITANO

O primeiro caso sobre uma disfunção sexual é apresentado na cura XVIII da 2ª Centúria. Nesta cura, Amato apresenta o caso “de um indivíduo que não podia praticar o ato sexual” que passamos a descrever:

“O hebreu Salafantino (...). Perto de Constantinopla, a Ancona, em busca de um remédio que lhe permitisse ter filhos. Queixava-se com efeito, de já há tempos não ter relações com a esposa por causa da fraqueza dos membros genitais e ainda mais porque precisava de filhos, desejando-os muito ardentemente. (...).

A este, para que alcançasse o seu objetivo, prescrevemos-lhe o seguinte método: *primo*, purgar muito bem todo o corpo com uma purga, comer e beber do melhor. (...).

(...) fizemos preparar um composto (...): R.: *de amêndoas brancas, meia libra; de pinhões brancos recentes, três onças, (...) de suco de testículos de cão e raposo (...).*

Os membros debilitados eram friccionados com um unguento (...): R.: *de óleo de lírio, 6 onças; de pó de estelião, uma onça; de castório, um escrópulo; de noz moscada, de pimenta longa, ana, meia onça; de cera citrina, quanto baste para o cálculo do linimento. Misture e prepare ao fogo, como convém. (...)* O nosso hebreu como testemunharam pessoas vindas de Constantinopla, teve filhos e vive feliz com a esposa.”^{32,33}

Um outro caso de disfunção sexual é referido na cura LXXXI da 2ª Centúria. Nesta cura Amato sugere “um eleitório para ejaculação do sémen”:

“De Nobilibus, (...), pediu-nos (...) um recurso, a fim de obter filhos. Embora este tivesse já filhos por duas ou três vezes, apresentava, porém, agora tão debilitados os membros genitais que não eram susceptíveis de ereção nem de ejaculação do sémen (...). (...)

³² 2ª Centúria, Cura, p. 201-203

³³ Lusitano, A. *Centúrias de Curas Mediciniais*. Tradução Firmino Crespo. Lisboa: CELOM (editada pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, 1980) (1553).

Comentários: Seja aqui notado que em vez de erva de testículos-de-raposo ou de raízes de *satyriões*. Juntamos raízes de *iríngio*, assim como no unguento (...)

Como em certa ocasião uma senhora nobre pretendesse capar uns galos, preparou os testículos com mel e substâncias aromáticas de modo a obter uma ótima refeição para o marido. Ao jantar, este comeu o majar e saltou-lhe um tal priapismo que a esposa, após demorado coito, começou a sentir-se cansada e não podendo suportar o trabalho, fugiu do quarto comum (...)"^{34,35}

Verificámos que nestas curas o autor, num sinal de vanguarda, reconhecia estes casos como clínicos, prescrevendo tratamento adequados.

A questão da infertilidade foi também abordada e estudada por Amato. Ao longo das *Centúrias* vemos o registo de vários homens e mulheres que recorreram aos seus préstimos porque não conseguiam ter filhos.

Na Cura LXXXIII da 5ª centúria intitulada “De uns sintomas aparecidos numa mulher estéril que bebeu qualquer coisa para ficar grávida”, o seu conteúdo é o seguinte:

“Uma mulher infecunda e muito ansiosa de ter filhos, (...) pediu a uma parteira remédio para evitar a esterilidade. (...). (...) que não passava aliás de um preparado de pimenta e gengibre (...). Depois de o ter bebido por um dia, foi presa de angústias e apertos de coração, (...) contrações e ardores de garganta, bem como de diminuição da pulsação e insónias (...). Eu porém, para boa sorte da doente, como quem já tinha curado outra mulher assim tratada, ordenei-lhe que não se apoquentasse, e avanço desta forma os referidos males. (...) Primeiramente, tiradas as fezes dos intestinos por meio de clister, mandei que se untasse com um linimento. (...) Na garganta, (...) por causa do excessivo ardor (...) era aplicado externamente outro linimento (...). A alimentação prescrita era um picado de frango com duas partes de tisana; para beber, água de cevada. Com isto alcançou bom estado de saúde depois de quarenta dias”.

Comentários: Por serem várias as causas da esterilidade e várias as fórmulas de tratamento curativo, convém que também variem os próprios remédios. Todavia de entre os remédios que são aceites empiricamente, sem qualquer observada indicação, ou de má qualidade nociva do útero, ou do temperamento da mulher ou do

³⁴ 2ª Centúria, Cura LXXXI, p. 271-272

³⁵ Lusitano, A. *Centúrias de Curas Mediciniais*. Tradução Firmino Crespo. Lisboa: CELOM (editada pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, 1980) (1553).

homem, (...) o aloés que a mulher deve mastigar não só em jejum, mas também ao ir deitar-se. (...).”^{36, 37}

Um outro caso de esterilidade é relatado na Cura LIII³⁸ da 6ª centúria designada por Amato como “De uma mulher estéril que, tratada por medicamentos, conseguiu conceber após dezoito anos, dando à luz uma bonita menina por fim, a mulher, consumida por definhamento (*tabes*) veio a morrer no espaço de dois anos”.³⁹

Recordemos que neste período, a esterilidade da mulher era vista como um castigo ou punição pelos pecados cometidos⁴⁰. Ao lidar com estes casos, Amato desvia-se claramente dos preconceitos mais antigos. Esta abordagem do tratamento da infertilidade, como caso clínico, é, uma modernidade e coloca-o à frente do seu tempo.

Apresentamos, em seguida, três curas, que a nosso ver podem ser consideradas os prenúncios da inseminação artificial. Amato levanta a questão de uma mulher poder, ou não, procriar, sem a intervenção direta do homem.

Na cura LXX, da 4ª Centúria, o autor parafraseia Plínio, dizendo que “a fertilidade do ar” pode inseminar as fêmeas. Na mesma Centúria, mas na cura XXXVI, Amato apresenta um caso de “Mola na matriz”:

“Uma rapariga, sentindo-se mal, dizia que tinha a impressão de qualquer coisa a mexer dentro do corpo. Por isso algumas mulheres clamavam que ela tinha uma mola na barriga. Eu não duvidava que tal pudesse acontecer. De facto sabemos pelo que diz Galeno no 14º livro *De usa partium*, que não pode gerar-se uma mola ou coisa semelhante sem relações com homem, ao dizer: “Nunca ninguém viu que uma mulher concebesse mola ou qualquer outra coisa se homem”. Por isso aconselhei-as a que, ou ocultassem o caso ou dissessem que era outro género de mal. Averrois, no seu livro *Colectório* assevera que uma mulher pode engravidar de sêmen viril deixado no banho.”^{41,42}

³⁶ 5ª Centúria, Cura LXXXIII, p.190-191

³⁷ Lusitano, A. *Centúrias de Curas Mediciniais*. Tradução Firmino Crespo. Lisboa: CELOM (editada pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, 1980) (1553).

³⁸ 6ª Centúria, CURA LIII, p. 258-259

³⁹ Lusitano, A. *Centúrias de Curas Mediciniais*. Tradução Firmino Crespo. Lisboa: CELOM (editada pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, 1980) (1553).

⁴⁰ Rodrigues, Isilda. *Amato Lusitano e as suas perturbações sexuais: algumas contribuições para uma nova perspectiva de análise das centúrias de Curas mediciniais*. Tese de Doutoramento, Universidade de Trás os Montes e Alto Douro, 2005.

⁴¹ 4ª Centúria, Cura XXXVI, p. 49

⁴² Lusitano, A. *Centúrias de Curas Mediciniais*. Tradução Firmino Crespo. Lisboa: CELOM (editada pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, 1980) (1553).

Na 7ª Centúria, Amato descreve a Cura XVIII intitulada “EM QUE SE TRATA DE UM ESTRANHO, MAS VERDADEIRO, CASO EM QUE UMA MULHER FICOU PRENHE DE OUTRA”, com o seguinte conteúdo:

“(…) Duas mulheres turcas vizinhas, em virtude de muitos actos de coito, íncubos e súcubos, contaminavam-se e poluíam-se. (...) uma era viúva e a outra tinha marido. Ora, quando uma vez a viúva excitada para o coito, provocasse a outra companheira para a ação do coito, e por acaso na altura em que o marido com que esta tivera a prática, saíra de casa, pôs-se em atitude súcuba. Neste trabalho do coito e de abraços, depois de muita fricção e apegos e da ejaculação de sémen, o útero da viúva súcuba sorveu, em virtude de enorme apetência, não só do sémen da mulher incuba, mas ainda de algum sémen viril deixado antes no útero dela. Em virtude deste sémen ficou prenhe, na afirmação própria, após feitos vários juramentos. E devemos-lhe dar crédito, visto ser-lhe menos ignominioso confessar ter concebido de um homem do que de uma mulher desta forma. Comentários: A esta história deve ligar-se a de AVERRÓIS, acerca de uma senhora, sua vizinha, senhora recatada, que ficou prenhe no banho, assim como outra de Abenscira, histórias que referi nos livros anteriores.”^{43,44}

Amato, em grande medida por influência da Medicina árabe, aceitava a ideia de que uma mulher poderia engravidar, mesmo se o ato sexual não se tivesse completado, isto é, se a emissão de sémen se produzisse, por exemplo fora da matriz (útero). Sobre este assunto, vimos a cima a opinião de Averrois que referiu o exemplo de diversas mulheres que ficaram grávidas, apesar da ausência de relação sexual direta. Sendo nesta época, o acesso ao corpo da mulher raro para efeitos de estudo, fica, no entanto, o registo da ideia de que seria possível, a penetração no organismo feminino, de alguns líquidos, que se insinuariam até ao útero e constituiriam possíveis fontes de fecundação, sem contacto sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir com o presente estudo que a História da Reprodução foi uma temática que desde sempre despertou o interesse de inúmeros investigadores de diversas áreas de estudo. Com base nos casos de estudo analisados, verificámos que no século XVI Amato Lusitano tratou diversos casos relacionados com a sexualidade. Detinha um conhecimento detalhado dos órgãos reprodutores masculino

⁴³ 7ª Centúria, Cura XVIII, p. 361

⁴⁴ Lusitano, A. *Centúrias de Curas Mediciniais*. Tradução Firmino Crespo. Lisboa: CELOM (editada pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, 1980) (1553).

e feminino que lhe possibilitou a utilização de tratamentos inovadores para tratar a disfunção sexual e a infertilidade. Apresentou ainda casos em que considerou ser possível a procriação sem ter havido ato sexual.

Consideramos que os casos apresentados, reconhecidos como casos clínicos e terapêuticos, terão sido um grande contributo científico para o conhecimento científico na área da reprodução e sexologia, no Renascimento e nas épocas subsequentes.

SOBRE AS AUTORAS:

Andreia Marlise Carneiro de Carvalho

Aluna de Doutoramento em Ciências da Terra e da Vida UTAD; Investigadora do CITAB – Centro de Investigação e Tecnologias Agroambientais e Biológicas, UTAD, Vila Real, Portugal.
andreiamcc_500@hotmail.com

Isilda Teixeira Rodrigues

Depart. Educação e Psicologia – UTAD, Vila Real, Portugal. Investigadora do CIIE - Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
isilda@utad.pt